

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
Serviço de Música  
ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

GRANDE AUDITÓRIO, Sexta-feira, 1 de Julho de 1977 -18.30 h.

P R O G R A M A

HANS WERNER HENZE

EL CIMARRÓN \*

Autobiografia do escravo fugitivo Estéban Montejo

PATRIMONIO UC

Recital para quatro músicos.

Texto do livro de Miguel Barnet, traduzido  
e adaptado à música por Hans Magnus Enzensberger

William Pearson, barítono  
Koos Verheul, flauta  
Wilhelm Bruck, guitarra  
Christoph Caskel, percussão

\* Primeira audição em Portugal

## H. W. HENZE - "El Cimarrón"

HANS WERNER HENZE, cujo pai era professor primário, nasceu no dia 1 de Junho de 1926 em Gütersloh, na Vestefália (Alemanha). Frequentou a escola comunal e o liceu de Bielefeld. Iniciou os seus estudos musicais na escola de música de Braunschweig. Mobilizado em 1944, foi prisioneiro de guerra dos ingleses. Após a libertação, e um curto período como maestro-ensaiador no teatro de Bielefeld, retomou, em 1946, os estudos no Instituto de Música Religiosa de Heidelberg, e recebeu lições particulares de Wolfgang Fortner. Em 1948 foi colaborador musical de Heinz Hilpert no Teatro Municipal de Constança, e, em 1950, foi nomeado director artístico e chefe de orquestra de bailado no Teatro de Estado de Hesse em Wiesbaden. Estabeleceu-se a seguir em Itália, em 1953, onde vive como compositor independente. Nos últimos anos, Henze foi igualmente chefe de orquestra, encenador e cenarista. Dirigiu numerosos concertos da Orquestra Filarmónica de Berlim, que criou grande número das suas obras e na Ópera Alemã de Berlim, que apresentou em estreia mundial as suas óperas "O Rei Veado" (1956), "O Jovem Lord" (1965) e "Les Bassarides" (1966, no Festival de Salzburgo), assim como o bailado "Maratona de Dança" (1957) e "Undine" (1959).

A obra de Hans Werner Henze abrange todos os domínios da criação musical. Escreveu para o palco seis óperas que preenchem um espectáculo completo ("Boulevard Solitude", "O Rei Veado", "O Príncipe de Hamburgo", "Elegia para Jovens Amantes", "O Jovem Lord", "Les Bassarides"), três peças num acto e um número bastante considerável de bailados, dentre os quais "Undine" é considerado uma das obras essenciais do repertório internacional de bailado.

Mencionaremos aqui, entre as suas numerosas obras para orquestra, as seis Sinfonias, Antífona, Três Estudos Sinfónicos e a Fantasia para orquestra "Los Caprichos"; entre os concertos para música instrumental, os dois concertos para piano (1950 e 1969), um Concerto para Violino e outro para Violoncelo, "Ode ao vento de Oeste", um Concerto para Contrabaixo e o Concerto Duplo para oboé, harpa e cordas e "Compases para Perguntas Ensimismadas" para viola e 22 executantes.

A par das obras para teatro, as obras vocais ocupam um lugar de relevo na produção de Henze. "Apolo e Hyazinthus", improvisação para cravo, viola e oito instrumentos, "Cinco Canções Napolitanas" para voz média e orquestra de câmara, "Nocturnos e Árias" sobre poemas de Ingeborg Bachmann para soprano e grande orquestra, a "Música de Câmara" (1958) sobre o hino de Hölderlin, "No suave azul" para tenor, guitarra e oito instrumentos, os "Ariosi", segundo Torquato Tasso, para soprano, violino e orquestra e "Being Beauteous", uma cantata sobre poema de Rimbaud para soprano, harpa e quatro violoncelos, e "El Cimarrón", recital para quatro músicos, são as obras essenciais deste género musical.

A este vêm acrescentar-se obras com coro, entre as quais "Cinco Madrigais", com textos de Villon, o "Coro dos Prisioneiros Troianos", extraído do Segundo Fausto de Goethe, "Novae de Infinito Laudes", uma cantata segundo Giordano Bruno para solistas, coro e orquestra, as duas cantatas de música de câmara para soprano, coro e instrumentos: "Cantata della Fiaba Estrema" e "Fantasia para Coro", assim como "Musas da Cecília", concerto para coro mixto a quatro vozes, dois pianos, instrumentos de sopro e timbales sobre as "Éclogas" de Virgílio, sem esquecer um oratório para voz humana, soprano, barítono, coro mixto, vozes de rapazes e grande orquestra "A jangada da Medusa" sobre um libreto de Ernst Schnabel.

Dois quartetos de cordas, um quinteto para instrumentos de sopro, obras para cravo e piano, incluindo a grande sonata de 1959 completam a imagem desta produção vasta e variada.

"El Cimarrón". Em 1963, o escritor e etnologista cubano Miguel Barnet encontrou um negro de 104 anos, chamado Esteban Montejo, num lugarejo em Cuba, afastado da civilização. Esteban Montejo nasceu e cresceu no tempo da escravidão e tornou-se um "cimarrón" (escravo fugitivo). Durante muito tempo viveu na selva e lutou contra os espanhóis na Guerra da Independência (1895-1898).

Com a ajuda de um gravador, Barnet reuniu a história deste homem tal como ele a contara, e publicou estas memórias em Havana em 1966, sob o título de "Biografia de um escravo fugitivo".

Hans Magnus Enzensberger seleccionou, adaptou e traduziu para alemão as passagens desse livro que inspiraram H. W. Henze.

#### 1. O Mundo

O flautista produz um som agudo friccionando um arco de violino na borda de um prato suspenso. O percussionista faz vibrar um sino de templo indiano (em bronze), o guitarrista serve-se do seu instrumento como de uma viola da gamba e fricciona as cordas com um arco. Um cantor emite um som agudo sobre um u. A seguir inicia o recitativo em que os sons são intercalados repetidas vezes. Após o recitativo do conto do muro africano e da astúcia da traficante de escravos, ouve-se um tambor tocar um ritmo "yorouba" (ritmo originário do Congo e hoje em dia ainda tocado em Cuba), ao mesmo tempo que se escuta uma música de guitarra que nos transporta da fantasia a realidade.

#### 2. O Cimarrón

O tambor africano "conga" (tocado pelo flautista), a marimboula afro-cubana (também conhecida por harpa africana) executada pelo guitarrista, uma caixa de madeira provida de uma abertura para a saída do som, e um sem número de placas metálicas, todas elas adaptáveis, assim como um tambor de ferro da Trinidad (construído na Trinidad a partir de bidons de gasolina), comentam a descrição feita por Esteban sobre a plantação de açúcar Flor de Sagua. Mais tarde vêm juntar-se os bambús, os bongos e treze tam-tams cromáticos. A vida dos colonizadores brancos é assim apresentada como uma habanera dengosa (flauta, vibrafone, guitarra).

#### 3. A Escravatura

A Avé-Maria que exorta os escravos a suportarem a exploração do dia a dia, faz-se sentir como um barulho de correntes e como vibrações violentas do cimbalo suspenso. Uma flauta nos seus registos extremos - com sons em grupos de cinco e micro-notas - segue a descrição das torturas.

#### 4. A Fuga

E quando Esteban atira uma pedra mesmo à figura do contra-mestre (o que soa como que o cair de uma corrente sobre uma placa de ferro) este vê as estrelas: é o som do berimbau. Enquanto que Esteban corre para a liberdade, as ordens emitidas pelo megafone e pelas sirenes da polícia estabelecem uma ligação com a época actual (nesta altura, o cantor, o guitarrista e o percussionista executam um desenho gráfico e improvisam a sua música; apenas o jogo alegre da pequena flauta é fixado por notas que servem de ponto de referência).

## 5. A Floresta

Os sons de uma flauta baixa, os harmônicos da guitarra (citando fórmulas de um canto "yorouba" afro-cubano), o som de conchas friccionadas umas contra as outras, o canto dos pássaros, a vibração suave dos cimbalos, os zumbidos e as vocalizos participam no espectáculo da floresta, o que significa a entrega de Esteban. Por momentos ouve-se um ritmo batido sobre as chaves da flauta, sobre a madeira da guitarra e sobre um tambor conga: é um parâmetro rítmico de uma cerimônia lukumi (uma outra religião afro-cubana oposta à cultura yorouba, mas tal como esta originária de África) dedicada à deusa Babalou Ayé, protectora dos doentes. Babalou Ayé deverá proteger Esteban de todas as adversidades e com ele todos os "cimarrónes" do mundo.

## 6. Os Espíritos

Neste número cada executante tem diante de si um arranjo de células rítmicas e ornamentais ou de motivos, de composições em miniatura que ele pode ligar e misturar umas com as outras à sua vontade. Os instrumentistas tentarão aqui seguir as descrições de Esteban e de as representar simbolicamente.

## 7. A falsa liberdade

A matraca, os bambús, um bloco de madeira e um "glissando" executado sobre as notas mais baixas da marimba simbolizam a falsa liberdade.

## 8. As Mulheres

Um "Son", dança nacional cubana.

## 9. As Máquinas

A flauta, o tambor metálico da Trinidad e os harmônicos da guitarra descrevem a chegada dos engenheiros estrangeiros. Depois todos agarram nos instrumentos de percussão para representarem as novas máquinas; além disso são emitidos sons com a boca, até que tudo se transforma na ambivalência e na farsa inicial.

## 10. Os Curas

Um harmônio desafinado, ladaíña ritmos africanos ao longe. O tempo pára.

## 11. A Insurreição

Apenas a guitarra comenta e acentua o monólogo de Esteban. Todos escutam.

## 12. A Batalha de Mau Tempo

A paisagem é a mesma que na nona peça, mas desta vez na manhã de grandes acontecimentos. Depois vem a batalha: os instrumentos (tal como o cantor) tornam-se actores. Na partitura não há senão sinais gráficos; eles devem ser considerados como preposições ou como estimulantes da imaginação criativa. Os executantes desencadeiam-se eles próprios e desencadeiam a música.

## 13. A mãe vitória mas não por muito tempo !

Volta-se a uma situação de opressão, a uma mistura de danças de uma falsa alegria, até que a situação real não deixe mais dúvidas, até que a música pare e não se oiça mais do que a voz de Esteban.

14. A amabilidade

Tem caracter de "lied", completamente resignada: mas a amabilidade e a solidariedade ficam em vantagem.

15. A faca de mato

Tem início com a mesma orquestração que o poslúdio da peça anterior (pequena flauta, guitarra, marimba, aqui substituída pelo vibrafone). Oitavas-duplas na guitarra, sinais rápidos sobre os "bobams" (uma oitava de micro-bongos) e depois a reaparição dos sons iniciais.



## EL CIMARRÓN [O Escravo fugitivo] Texto

I. O Mundo

Antes, na época da escravatura, passava a vida a olhar para o céu, pela cor que ele tem. Uma vez o céu ficou com uma cor rubra e a seguir houve uma seca tremenda. Noutro dia ocorreu um eclipse de sol. Começou da parte da tarde e era visível em toda a ilha. Parecia até que a Lua e o Sol pelejavam. Tudo às avessas. Uns ficaram mudos. Outros morreram com ataques de coração. Nunca perguntava por que sucedia. Eu sei que tudo isso depende da própria natureza. A Natureza é tudo. Até o que não se vê. Os deuses são muito poderosos. Eu digo que sabem voar e que tudo fazem como que por encanto. Não sei como permitiram a escravatura. Ponho-me a pensar e não descubro o mistério. Para mim tudo começou com lenços vermelhos. Antes toda a África estava cercada por uma velha muralha. A velha muralha, era formada por palmeiras e estava cheia de bichos que picavam como diabos. Por isso os brancos não podiam entrar em África. Até que começaram a fazer sinais, como que acenando com lenços vermelhos. E os reis diziam aos negros: "Despacha-te, vai buscar um lenço vermelho". E os negros corriam precipitadamente para o barco e aí mesmo os conseguiram. O negro teve sempre grande perdilecção pelo vermelho.

II. O Cimarrón

Devido a essa cor vermelha foram levados para Cuba. Como "Cimarrón" não conheci os meus pais. Nem sequer os vi. Mas isso não é triste porque é a verdade. Foram os meus padrinhos que me disseram a data em que nasci; foi a 26 de Dezembro de 1860, dia de Santo Estevão. Por isso me chamaram Esteban.

Os negros nessa época eram vendidos como porcos. Eu também. Recordo-me do engenho Flor de Sagua. Quando tinha dez anos fugi pela primeira vez. Fui apanhado e bateram-me com umas correntes; ainda hoje as sinto na carne. Depois puseram-me grilhetas e mandaram-me para o engenho.

Nessa altura as crianças trabalhavam como bois. Hoje ninguém acredita nisso. Mas eu senti-o e por isso tenho que o confessar. Quando um negrinho era bonito e gracioso mandavam-no para casa dos patrões e davam-lhe um abano para afugentar as moscas. E se num prato caia uma mosca, gritavam-lhe e batiam-lhe. Eu nunca servi patrões.

III. A Escravatura

As quatro e meia o maioral tocava o Avé-Maria. Ao nono toque toda a gente devia estar a pé. As seis havia que formar em fila à frente do barracão. Mulheres para um lado e homens para outro, num pátio sujo e poeirento. Não havia nem sequer uma árvore. Nem cedros, nem ceibas, nem palmeiras. Depois éramos levados para as plantações de cana de açúcar. Trabalhávamos até ao pôr-do-sol. Uma campainha assinalava a hora do ofício divino. Às nove era o último toque. E o maioral fechava o portão com um enorme cadeado. Durante a escravatura vi os maiores horrores. Na casa das caldeiras estava o ceppo. O ceppo era um aparelho constituído por pranchas largas, com cinco buracos, onde a cabeça, as mãos e os pés eram immobilizados. Por qualquer coisa insignificante os escravos eram encerrados no ceppo por largo tempo. O chicote do maioral brandia sem razão. Às mulheres grávidas punham-lhes a boca para baixo para proteger os filhos. Vi muitos negros com as costas

a sangrar.

#### IV. A Fuga

Eu não queria continuar a ser escravo. Os que não reagiam eram os cobardes. Eu queria fugir. Esta ideia dava-me voltas à cabeça. A pensar na fuga quase não dormia. Quase todos os escravos tinham medo da vida no monte, e diziam para consigo: "De qualquer forma serás apanhado, serás apanhado". Mas eu pensei sempre: "O monte atrai-me". E sabia bem que o trabalho no campo era um inferno. Pus-me então a observar o maioral, sem deixar escapar, a esse cão um só passo. Ainda hoje o tenho presente na minha memória. Nunca tirava o chapéu !

Os negros tinham medo dele. Com um só golpe podia arrancar a pele a qualquer um. Ficava afogueado só de vê-lo. Um dia assobie-lhe, ele olhou para mim e virou-se de costas. Apanhei uma pedra e atirei-lha à cabeça. Não sei o que lhe deu, só sei que gritou enfurecido: "Agarrem-no, agarrem-no". Corri sem rumo até que me encontrei só no monte!

#### V. O Monte

Gostei da vida no monte. Conhecia bem todos os caminhos. Estive no monte muitos anos. No meu monte. Estava bem. Como uma criança. Não desejava saber mais de escravatura. Por vezes esquecia-me que era um "Cimarrôn" e começava a assobiar e a cantar. Estive anos e anos sem conversar com ninguém. Sempre gostei a valer da independência. Com uma corda grossa caçava porcos. A carne punha-a depois a fumar. Havia muitas plantas no monte. Havia também folhas de tabaco que se podiam enrolar e muito mel. A água no monte era ótima. Nunca me faltou nada no monte.

A mim ninguém mais me voltaria a pôr grilhetas como a uma égua.

No monte acostumei-me a viver com as árvores. Havia uma árvore que de noite fazia lembrar um pássaro. Fazia assim: Utsh, llllll. Uma árvore é algo muito grande. Como um deus. Nunca se deve cortar uma árvore, pelo mal que se lhe faz. Eu não confio em ninguém. Nem sequer nos Espírito Santo. Um "Cimarrôn" só deve confiar em si próprio. A mim até os pássaros e as árvores me entretinham. Mesmo a comida me sobrava. Nunca me faltou nada no monte.

#### VI. Os Espíritos

Não se pode dizer que os espíritos tinham tal ou tal cor. Porém apreciavam a todos. Mas as pessoas não querem falar das suas visões. Tenho visto coisas maravilhosas: um cavalo de raça sem cabeça é uma terrível aparição. Uma vez encontrei-o e disse-me: "vai lá e traz-me o dinheiro", eu ia morto de medo. E que encontrei ? uma pilha de carvão. Esse espírito era um intrujão ou um pobre diabo. Outra aparição curiosa são os "guijes" (pequenos animais que vivem nos rios). Saem dos rios e refrescam-se quando faz calor. São escuros, muito pequenos, com cabeças chatas. As sereias veem do mar sobretudo na noite de S. João. Penteiam-se nuas e seduzem os homens. Por vezes atraem os pescadores ao fundo do mar. Elas teem um condão para não deixar afogar os homens. Dos espíritos não se deve ter medo. Os vivos são mais perigosos do que os mortos. Quem encontra um morto deve perguntar-lhe: "Que queres de mim irmão ?". Enquanto se dorme ou quando se morre a alma vai passear. A alma está contente porque trabalha todo o dia. Por isso ela voa e paira no ar e sobre o mar. Como uma "babosa" (molusco cubano protegido por uma concha redonda), que deixa a sua casa para trás. Não quero pensar

muito. Estas coisas são obscuras. Esgotam-me. Mas o homem pensa sempre, e cada vez quando está só. Pensa até enquanto dorme. Nem é bom falar disto. Os que falam muito perdem a cabeça. Passa-se com os espíritos o mesmo que com as histórias que nunca terminam. Ninguém conhece o seu fim.

#### VII. A falsa liberdade

Pelos gritos do povo tomei conhecimento de que tinha terminado a escravidão. Gritavam: "Já somos livres". Mas era como se nada fosse. Para mim era mentira. Fui descendo do monte a pouco e pouco. Quando de lá saí encontrei uma velhinha com duas crianças de colo. Perguntei-lhe: "Diga-me, é verdade que já somos livres? diga-me" respondeu-me: "Sim, somos livres". Fui andando sozinho. E comecei a procurar trabalho. Tinham tirado as grades dos barracões e não vi guardas. Mas o trabalho no campo era desgastante, como sempre. Ficava com as mãos doridas e os pés quase não os sentia. As plantações e o calor quase que matam. O dia no campo praticamente não tem fim. Os maioraes, esses são sempre iguais a si próprios: ásperos, duros. Estavam sempre prontos para gritar se alguém interrompia por momentos o trabalho e diziam: "tiram-te daí". Essa era a liberdade que eles apregoavam. Eu sempre pensei que era mentira. Os mexericos não servem para nada.

#### VIII. As mulheres

A coisa melhor que existe são as mulheres. Eu encontrava sempre uma que me dizia: "Quero estar contigo". Se necessitava de uma mulher ia à cidade. Aos domingos quase toda a gente dançava. As raparigas daquele tempo não criavam grandes problemas. Quando um homem gostava de uma mulher levava-a para o canavial. Era o melhor que se podia fazer. Hoje uma, amanhã outra. Conheci muitas mulheres: brancas e negras, esquivas e carinhosas. Quando penso nisso imagino os filhos que devo ter deixado por aí. Passei muito tempo com uma mulata linda, azulada que se chamava Ana. Mas era feiticeira. Cada noite chamava um espírito. Tive medo dela. Viver com uma mulher toda a vida não é para mim. Já estou velho para isso. Apesar de tudo sempre tenho as minhas mulheres. O que não é bem a mesma coisa. Uma mulher é o melhor que há na vida. Para dizer a verdade não há nada no mundo que mais me agrade.

#### IX. As máquinas

A cada instante vinham técnicos a Ariosa. Percorriam o campo e logo a seguir a casa das caldeiras. Olhavam tudo para eliminar avarias. De vez em quando ouvia-se dizer: "Vêm aí os técnicos". O maioral ordenava que vestíssemos roupa limpa e punha a casa das caldeiras a brilhar como o Sol. Os técnicos eram estrangeiros. Vinham ingleses e americanos. As máquinas eram a vapor e já existiam há muitos anos. Primeiro vieram umas pequenas; mais tarde outras maiores. A mais importante era a centrífugadora. A máquina grande de Ariosa tinha três fases de funcionamento: a picadora cortava a cana; a moedora tirava o açúcar; e a remoedora deixava os resíduos prontos a entrarem nos fornos. Quando vi todas aquelas máquinas movendo-se ao mesmo tempo, fiquei admirado; de verdade que pareciam andar sozinhas. O progresso causa admiração. Antes nunca tinha visto tanto progresso. Os colonos alegram-se porque consoante a produção das caldeiras assim aumentavam o equipamento do engenho. Os homens da picadora, da moedora e da remoedora, afigu-



raram-se-me como sendo os que estavam melhores instalados. Possuíam casas ótimas. As máquinas trouxeram o ódio e as diferenças. Eles não se davam com os cortadores de cana por nada deste mundo.

#### X. Os Curas

Há que respeitar as religiões. Ainda que não se seja muito crente. Naquela época até o mais pintado era crente. Os patrões também acreditavam. Em Ariosa paravam as caldeiras nos dias de festa e o campo ficava vazio. Era como que um Santuário. Os curas iam logo pela manhã e começavam a orar. Rezavam por muito tempo. Havia uma igreja próximo. Mas nunca lá pus os pés. A sacristia era um prostíbulo. "Padre, a sua benção" diziam as jóvens que se deitavam com eles. Os curas nunca me entraram cá dentro. Alguns eram até culpados de graves faltas. Eram carnívoros, eram santuários. Se tinham um filho diziam que era seu sobrinho ou afilhado. Em Ariosa a religião tinha muita força. Metia-se em tudo. Tinham todo o ouro e não o gastavam. A questão das máquinas não lhes chamava a atenção. Nem se aproximavam delas. Nunca! Talvez tivessem medo de morrer asfixiados. Eram suaves como tudo. Apesar de tudo isto, em Cuba há poucos católicos. Aqui cada um tem a sua crença. Todas as religiões se misturam. Os deuses mais fortes são os de África. Há que respeitar as religiões. Porque o importante é existir harmonia. Sem isso não pode o homem nem pensar nem viver.

#### XI. A Insurreição

O povo não fazia mais do que falar na independência. Havia já um odor a guerra. Tudo quanto se ouvia era: Abaixo a Espanha. Viva Cuba livre. Eu ouvia tudo isto e não dizia nada. A revolução agradou-me. Respeitava os anarquistas porque arriscavam a pele e não tinham medo. Mas há que não enganar. A guerra mata a confiança dos homens. Morrem irmãos ao nosso lado. Sem que nada possamos fazer. Aparecem logo os açambarcadores e os oportunistas para tomarem as suas posições. Quando as coisas se tornam duras há que encarar a luta de frente; o resto não conta. Os negros não perguntavam porque havia revolução. A guerra fazia falta. Ninguém queria sofrer mais as correntes, mal comer carne e estar no campo pela madrugada. Não era justo que os brancos tivessem tudo e que não houvesse liberdade. Por isso fomos para a guerra; para sermos livres. O importante era não perder a vida. Quem ficava em casa perdia os amigos. Morria de tristeza.

#### XII. A Batalha de Mau Tempo

Em Dezembro de noventa e cinco reuni-me com uns amigos e disse-lhes: "Temos que levantar a cabeça". Saimos do engenho pela tarde e caminhámos até encontrar uma estalagem. Disse ao estalajadeiro em bom tom: "Por favor dê-me um arreio completo". E caminhámos no duro por caminhos reais. Nas Vilas deparei com os "mambises". Não levava armas de fogo, mas apenas uma faca de mato. Antes do combate os chefes diziam: "Ao chegar lá empunhem as facas". Mau Tempo era um caminho plano e aberto: um descampado. O combate começou pela manhã. Os espanhóis quando nos viram sentiram arrepios dos pés à cabeça. Tinham medo das facas. Uns atiraram-se logo ao chão. Outros escondiam-se atrás das árvores. Alguns eram valentes. Um galegozito quis-me matar. Apanhei-o pelo pescoço e mantive-o direito; o homem mirou-me e disse-me: "Vocês são uns selvagens". Achavam que éramos selvagens porque eles eram os

pacíficos. Pensaram que eramos animais e não homens. O combate começou pela manhã. Foi muito duro e sangrento. No final viam-se as cabeças dos espanhóis acamadas nos valados. Mau Tempo espevitou os cubanos. Abriu-lhes o espírito e a força. Foi necessário para o fortalecimento da revolução. Era preciso morrer.

#### XIII. O Triunfo e a Intromissão

Entrámos em Havana a festejar a vitória. Havia uma grande algaraviada. Todo aquele que usava uma faca de mato era um libertador. As mulheres caíam-nos como o peixe no anzol. O rufar dos tambores não parava. A população atirava chapéus e lenços ao ar. Em qualquer parte ouvia-se a música de uma rumba. Era o fim do mundo. Todos gritavam: "Viva Cuba Libre". Mas o triunfo trazia consigo outros problemas. Muitos cubanos pensavam que os "Yankees" tinham vindo aqui por prazer. Logo se comprovou que o que os "Yankees" queriam era apanhar a melhor parte do bolo. E nisso estava de acordo, eram do mais podre que havia. Mas, quem os trouxe a Cuba? Os brancos crioulos foram os culpados porque se deixaram arrastar. Os corneizitos também não eram inocentes. Os "Yankees" andavam vestidos de amarelo, muito bem vincados, mas embriagados. "Nigger, Nigger" !. Gritavam aos negros. E quando uma rapariga passava, diziam-lhe: "Fochy, Fochy ! Fochy, Fochy !" Para falar com franqueza prefiro os espanhóis aos "Yankees"; mas os espanhóis na sua terra. Cada qual na sua terra. Mas o "Yankee" não o quero nem na dele. Quando acabou a guerra vi que tudo tinha sido ilusão e traição. Negro, Negro aqui te fazes ! Em Havana podia-se morrer de fome. Peguei nas minhas coisas e fui à estação dos combóios que ficava por detrás da muralha. Voltei ao engenho. Com os bolsos vazios. Nada daquilo me esquecera.

#### XIV. A amizade

Não há coisa melhor do que viver em paz, como irmãos. Não se encontra muito disto na cidade. Há demasiada gente rica. Os ricos pensam que são os donos do mundo. Não ajudam ninguém. No campo é tudo muito diferente. Tratamo-nos como irmãos. Ajudavamo-nos mutuamente nas sementeiras, nas viagens, nos funerais. Para cobrir uma cabana bastavam dois ou três dias de trabalho. Todos davam uma ajuda. Isto porque um homem só no princípio não devia fazer tudo. Vejo tudo isto como uma prova de amizade. Ainda que haja tão pouca no mundo. Há inveja e ciúme por toda a parte. Por isso sinto-me bem sózinho.

#### XV. A faca de mato

Talvez eu morra amanhã. Mas a vergonha não a perco, por nada desta vida. Antes, quando alguém estava despido e sujo no monte, via os soldados espanhóis que mais pareciam letras de chinês, com as melhores armas. Hoje tudo isto é bem diferente. A verdade não se pode esconder. Por isso digo que não quero, não !